A PLEBE

ASSIGNATURAS
Anno. . . . . 10$000 — Semestre. . . 6$000
PAGAMENTO ADIANTADO
As assignaturas começam sempre no dia 1 o do mez em que são tomadas
Numero avulso: Da semana $100; atrazado $200

— Toda a correspondencia a Edgard Leuenroth —
Endereço: Caixa Postal, 195 — S. Paulo (Brasil)
Redacção e Administração: Largo do Palacio, 5-b

ANNO I — NUM. 14
22 de SETEMBRO de 1917
PUBLICA-SE AOS SABBADOS
Os annuncios na 4.a pagina são inseridos á razão de 300 réis por centimetro de columna

Ecos da grande greve

O assalto ao Moinho Santista

Prisão do nosso director como supposto mandatario desse acto de justiça popular!

A' ordem do juiz da 4.a vara dr. Matheus Chaves, como é publico e notorio, encontra-se preso na Cadeia Publica, desde quinta-feira passada, o director d'«A Plebe».

Peza sobre o nosso presado companheiro nada mais, nada menos do que a malevola accusação de ter ordenado o assalto ao Moinho Santista, levado a effeito por occasião do grandioso movimento proletario de julho ultimo.

Não podendo inutilisal-o por ser entre nós o porta-voz das reivindicações economicas e sociaes, a «Camorra» politico-burgueza planejou perdel-o no conceito publico, que o admira, urdindo essa sinistra trama que o crimina cômo «larapio» de meia duzia de saccas de farinha...

Revela-se á primeira vista o cynismo, o deslavamento desses incomparaveis bandidos.

O director d'«A Plebe», pelo desassombro com que sempre propugnou quer na tribuna da imprensa, quer no tablado da praça publica pelos interesses das legiões de explorados, tornou-se por assim dizer o espectro negro que atormenta a existencia dos repugnantes «camorristas».

A ambição que os domina, a ganancia que os move, a sordidez que os caracterisa — era de prever que se não amoldariam facilmente ao novo estado de coisas creado pela greve de ha tres mezes.

Do golpe formidando que então os attingiu em cheio é corollario logico, inevitavel, o estendal de violencias a que a população de São Paulo, indignada, vem assistindo desde ha dias, — violencias que ultrapassam e desbancam aquellas outras que celebrisaram a inesquecivel Companhia de Jesus.

Edgard Leuenroth não está, pois, detido porque haja praticado qualquer acto susceptivel de menoscabar a sua dignidade ou o seu caracter bom. Edgard Leuenroth acha-se a ferros da Republica porque é... director d'«A Plebe». E' este o seu crime. E' esta a sua culpa.

A «Camorra» não lhe perdôa o mau quarto de hora por que tem passado por ter vindo «A Plebe», semanalmente, mostrando á evidencia os favoritismos dispensados aos especuladores do povo, aos rapinantes dourados que se propõem até arrancar-nos o pello!

A «Camorra» não póde conformar-se com a campanha que «A Plebe» lhe move desde a sua apparição, porque o proletariado já vae adquirindo uma consciencia mais robusta já vae tendo uma visão mais clara sobre a iniqua sociedade em que vivemos!

A «Camorra» não contém o odio virulento que lhe corroe a alma, porque «A Plebe» concebeu e realizou a obra gigantesca da organização dos obreiros paulistanos, infiltrando-lhes o espirito de anceios, de libertação e equidade!

Por isto, só por isto e nada mais é que Edgard Leuenroth foi privado da sua liberdade, sequestrado do convivio de sua familia e de seus dedicados amigos, que são todos quantos o conhecem.

Desengane-se, porém, a «Camorra» duma coisa: os seus planos, por mais diabolicos e tenebrosos que sejam, não surtirão jámais o desejado effeito. Edgard Leuenroth ha de sahir desta «meada», se isso é possivel, mais honrado e ennobrecido que nunca.

Edgard Leuenroth tem atraz de um passado sem mancha, uma vida feita de canceiras e sacrificios em prol das classes opprimidas e escravisadas.

Edgard Leuenroth ha de volver dentro em breve ao seu mistér de jornalista que NÃO SE VENDE, para que a «Camorra» continue a sentir no lombo o açoite justiceiro das victimas que ella tortura e esmaga.

Edgard Leuenroth proseguirá, finalmente, atravez de todas as perseguições e de todas as calumnias a tarefa que se impoz de prégar ideias emancipadoras e redemptoristas, porque assim como os potentados se unificam para roubar os operarios, do mesmo modo estes se devem organisar para defender o seu direito á vida!

* * *

A proposito, transcrevemos em outro logar desta folha um magnifico artigo inserto no vibrante vespertino "O Combate", do dia 17 do corrente, pelo qual se verifica que nesta terra de corruptos e venaes ainda ha jornalistas que não alugam a penna ao ouro infamante dos argentarios e capitalistas.

Agradecendo em nosso nome e em nome do nosso director as suasivadoras palavras que lhe foram dirigidas, protestamos mais uma vez por estas columnas, contra todas as violencias que têm sido perpetradas nesta hora angustiosa de sobresaltos e villanias.

Conquistas da civilisação contemporanea

O pavoroso tribunal da Edade Media que resurgiu em pleno seculo XX!

O «direito de gréve» é um ludibrio juridico

Falando a um jornalista, um dia destes, o sr. Aurelino de Araujo Leal, pronunciou, a proposito das gréves, esta sentença profunda e accaciana: «a gréve pacifica é um direito».

Sabe se, de sobejo, o que o chefe do canil policial da rua da Relação entende por «direito de gréve». Para o bestunto juridico do sr. Leal, o «direito de gréve» deve exercitar-se do seguinte modo: por um certo motivo, os operarios de uma determinada casa ou classe, não podendo chegar a accordo directo com os patrões, abandonam o trabalho, declarando-se em gréve. Como não podem chegar a accordo directo, os grevistas devem procurar o accordo indirecto; isto é, por intermedio de outrem. Este «outrem», é claro, deve ser o referido sr. Leal.

Nem mais, nem menos! Sem a menor duvida, esta é uma doutrina encantadora, mas ha a considerar um pequeno ponto de divergencia, o qual vem conturbir, gravemente o postulado aureliniano.

E' que a gréve, vista pelo prisma dos interesses da classe operaria, nada tem que ver com o direito: a gréve é facto, é acção, é força. Tanto assim que a chamada gréve pacifica, toda amigavel e branda, resulta sempre em ludibrio e logro para os operarios ingenuos que confiam nos bons officios de mediadores pertencentes á classe dos patrões. Força vencida, ou força victoriosa, a gréve verdadeira é uma manifestação de força. Força contra força. E' vencida quando a força operaria é menor que a força patronal, e victoriosa quando em caso contrario.

O direito!... Que bello palavrão para ser arrotado á face do miseravel escravo do salario!

Que os operarios não se deixem illudir: sejam fortes, preparem as suas forças, armem-se convenientemente e depois então, muito bem! exercitem o tal «direito de gréve».

Antes disso, não! Antes disso é querer dar sôcco em ponta de faca... ou em ponta de caninos policiaes.

(D'«O Debate»).

* * * *Mais um juramento de castidade desfeito á vista de tanta gente, pelo padre de Santo Amaro!*

E no emtanto ha ainda ingenuos ou idiotas que acreditam em taes juramentos...

Annullação do processo d'"O Combate"

O Tribunal de Justiça do Estado, depois de longos debates deu provimento, no dia 17, á appellação interposta pelo sr. Nereu Pestana, da decisão do juiz da 4.a vara criminal, no processo por injurias impressas, movido contra aquelle vibrante jornalista, pelo sr. Secretario da Agricultura, annullando todo o processo.

Por esse motivo apresentamos ao nosso prezado collega d'«O Combate», os sincerissimos emboras, a que fazem jus a sua intrepidez e a sua inteireza moral.

Agradecimentos da "A Plebe" e do operariado paulista

A todos os collegas daqui e do Rio, que estamparam brilhantes artigos, verberando as violencias contra nós praticadas pela policia, hypothecamos a nossa duradoura gratidão.

Egualmente agradecemos em nome do operariado paulista, o bello movimento de sympathia e de solidariedade, que a seu favor foi iniciado por esses mesmos jornaes.

Farpas de fogo

Ladrão... arte-nova

O director d'*A Plebe*, que não podia deixar de ser, tambem foi preso. No principio dizia a policia, a decantada policia desta terra, que o nosso amigo era... um *anarchista perigoso*. Depois, como os *bichos* [illegible] arranjaram-lhe um epitheto [illegible] gestivo, mais retumbante [illegible] qual foi? — [illegible]

Ponhamos de parte a revolta, a repugnancia que isto nos causa e vejamos que especie de *ladrão* é o director [illegible]

Com effeito, Edgard Leuenroth roubou. Roubou... o socego aos ladrões de pansa enorme, demonstrando com argumentos irrespondiveis que por menos culpas do que as delles jaz muito desgraçado nas cellas da Penitenciaria!

Roubou... a mascara de cynismo e hypocrisia que os tartufos do *high liff* traziam ha muito afivelada ao rosto alvar e deslavado!

Roubou... a influencia que os histriões politiqueiros exerciam sobre as camadas populares, fazendo-as arrepiar caminho e importaram-se a valer com os problemas de seu immediato interesse.

Roubou... a primazia que os poderosos usufruiam de virem á praça publica clamar contra as camarilhas que lhes contrariavam os appetites, dizendo aos proletarios que elles tambem tinham o direito de gritar a sua fome, a sua miseria!

Roubou... o costume inveterado da burguezia de viver á tripa fôrra espoculando o povo famelico, sem que da parte deste se esboçasse sequer um gesto de revolta!

Roubou... a ganancia dos patrões, não deixando que elles enriquecessem vertiginosamente á custa das maiores baixezas, sem que o protesto dos opprimidos se fizesse ouvir altisonante e ameaçador!

Roubou... Mas para que citar a série de *roubos* praticados pelo nosso amigo, se não ha ninguem em S. Paulo que os não conheça, se a imprensa governamental os lançou opportunamente aos quatro ventos da publicidade?

Rejubilem-se a canalha do alto com a lama lançada sobre o caracter integro, a probidade inconcussa, a honestid de impolluta do director d'*A Plebe*. Longe de o alvejar, a calumnia vae de ricochete attingir os seus infames autores, pois toda a gente sabe que o assalto ao Moinho Santista por occasião da grande greve foi um acto expontaneo da revindicta popular contra os *honrados* ladrões que querem deixar o povo sem camisa, que é, afinal, a unica coisa que ainda lhe resta...

Coices gradúdos...

O orgam do Santo Officio do gorro phrygio, a proposito das violencias e outras malandrices commettidas pelos patrões, deu-lhe na veneta para desembestar aos coices contra aquelles a quem apoda de *inimigos da sociedade*.

Vae d'ahi, o nosso presado collega *O Combate*, que conhece de sobra as manhas da bestiaga, não esteve com meias medidas: segurou-a pelas redeas e, para evitar que mordesse, prendeu-a mais curto... A azemola, então, abrandou as furias, ficou tremula de cagaço, confusa e atarantada, pelo que desatou a vomitar parvoices, á guisa de quem pretende justificar-se dos actos anteriores.

Mais mansa agora, a lazarenta cavalgadura quasi pede misericordia... Assim, já não deseja, como a principio, a cabeça dos *agitadores extrangeiros* que aqui andam a perturbar a digestão da malta endinheirada. Faz a coisa mais baratinha, porque a *crise* não dá margem para grandes extravagancias... Segundo se deduz das suas ultimas arengas, basta só vêl-os encarcerados por dois ou tres mezes, afim de saberem como os tyrannos se vingam de quem os combate e verbera, para ella se dar por satisfeita.

Com uma tal lição acha a alimária que tudo entrará nos eixos, isto é, que os trabalhadores ficarão sem vontade de proseguir na campanha emancipadora a que se vêm entregando.

Como se engana, o quadrupede officioso! A tyrannia, longe de abafar a voz da Razão e da Justiça, antes sacode energias adormecidas, trazendo-as para a luta economica e social. Assim sendo, nunca essa voz deixará [illegible] e repercutir por toda a parte. Ella transpõe as grades das prisões, atravessa montanhas e valles, corta os ares em cyclopica velocidade [illegible] tympanos audi[illegible]

Por isso é que as [illegible] Rebeldia são cada vez mais numerosas, por isso é que os semeadores do Amor, do Bem e da Verdade surgem dia a dia de todos os lados!

Em que peze, pois, ao despotismo dominante, a causa proleraria ha de triumphar, ainda que para o conseguir seja preciso... cahir Troya!

Os espiões

Peores que uma praga de gafanhotos em terra cultivada, esta nova especie de Pelles Vermelhas não descança um momento na faina indecorosa de metter o nariz no... meio de toda a gente. Nos cafés, nos botequins, nos restaurantes, nos bars, em toda a parte, emfim, elles andam em tal promiscuidade com as pessoas de bem que até custa a differençal-os.

Provocam conversas a respeito de coisas tetricas, propalam boatos alarmantes e depois, se o interlocutor se não precata com a lingua não tarda que seja catrafilado sem mais cerimonias.

Os miseraveis são mais nojentos, mais asquerosos do que o percevejo. Este ao menos, esconde-se no colchão para que ninguem lhe ponha a vista em cima. Aquelles não: fazem gala em que os vejam e os conheçam de *gingeira*.

Que isso lhes faça muito bom proveito. Mas que o povo não os esqueça quando chegar o dia da vingança. Então, que esses bandidos sejam amarrados ao pelourinho da Justiça e azorragados sem commiseração pelos opprimidos das suas abominações!

ANDRADE CADETE.

O nosso «suelto» anti-patriotico, que mereceu as honras de uma transcripção no «Correio», causou grande indignação entre os patrioteiros de meia tigella.

Estamos satisfeitissimos por esse motivo...

In illo tempore...

Como Bilac encarava o serviço militar

Sob a epigraphe — «O Pau furado», publicamos noutro logar d'«A Plebe» um trabalho ácerca do militarismo do grande poeta Olavo Bilac, para o qual chamamos a attenção do «Correio» e do Commercio».

Por elle verão os latrinarios «canudos» do governo que o neo-propagandista da caserna tambem em tempos já disse da mesma cobras e lagartos...

Comprehende-se o motivo: é que nessa epoca ainda não havia Ligas Nacionalistas com as suas grossas subvenções...

CRÊ OU MORRE!

O Santo Officio do Largo do Palacio

TORQUEMADA E SEUS ESBIRROS

> Hei-de-vos arrancar a mascara postiça,
> Ligar-vos com grilhões ao potro da justiça,
> Expôr-vos á ignominia! Erguei o rosto, erguei-o
> Para que a multidão venha cuspir em cheio
> Nessas frontes venaes!...
>
> GUERRA JUNQUEIRO.

Illudia-se redondamente quem imaginava que a Inquisição — rebento venenoso da quadrilha ultramontana e clerical — morrera ha muito sob os golpes audazes dos liberaes do seculo passado.

Enganava se por completo quem suppunha que em pleno regimen democratico, na terra de Joaquim Nabuco, Luiz Gama e tantos outros estrenuos paladinos do Abolicionismo, a escravidão havia desapparecido e com ella as prerogativas que o feudalismo então usufruia.

Bem ao contrario disso, a Inquisição apenas se mantinha agachada, solapada, á espera da hora mais apropinquada para reencetar a sua jornada de crimes e iniquidades, a sua cruzada de vexames e affrontas á consciencia e á liberdade!

Assim, eil-a agora escabujando, epilectica, raivosa, possessa, arremetendo contra quantos depara em seu caminho, sem olhar a sexos nem a edades!

Dando carta branca aos esbirros incumbidos de servil-a, vieram os meliantes para a rua como um bando de feras soltas da jaula que as prendia.

Desappareceu incontinenti a inviolabilidade do domicilio fóra do[illegible] viduaes consignadas na Constituição; fez-se vista grossa sobre os flagrantes attentados ao Direito, á Justiça e até á propria Moral!

A vigilancia, o policiamento da cidade deixou de estar entregue aos chamados mantenedores da ordem; estes, apanhando a rédea larga, tornaram-se verdadeiros salteadores de estrada, acolytos completos de Dioguinho e de João Brandão, sequazes perfeitos dos maiores bandidos pertencentes á Galeria dos Criminosos Celebres!

A liberdade de reunião e de pensamento foi riscada da lei sem consulta prévia do poder legislativo, — porque a lei neste Estado é exclusivamente a vontade despotica do *queixos de rabeca* que por desgraça nos governa, é o capricho tyrannico do jesuitão encapotado a quem estão confiados os destinos de nós todos!

O socego e o bem-estar dos cidadãos passou a ser coisa de somenos importancia em face da insaciabilidade do odio esverdinhado de meia duzia de malandrões endinheirados, pois que o ouro é o rei do mundo e não tolera que os vassallos — os pobres — peçam contas dos seus actos!

Não é o Brasil, já agora, uma nação civilisada, que tem principes poetas e oradores *aguias*; não é o Brasil um paiz progressivo, que possue sabiás e *arvores de patacas*; não é o Brasil, finalmente, uma Republica adeantada, que por causa do — *tira-te tu para me pôr eu*, anda sempre embrenhada em mashorcas politiqueiras.

Não; o Brasil é uma terra muito differente. O Brasil é o refugio protector de todos os gatunos enluvados corridos a chicote doutras partes; é a caverna escura de todos os réprobos encasacados, foragidos das galés da execração publica; é, em summa, o valhacoito desejado de todos os falsificadores e mixordeiros, que assim enriquecem e se tornam poderosos.

E porque o Brasil é tudo isto, e porque aqui só é gente e tem direito á vida o *nobre* conde Matarazzo, o *bemquisto* sr. Gamba e o *honrado* sr. Crespi — o operariado não póde abrir a bocca, dar um pio, articular um som, nem mesmo para pedir pão ou sequer uma gotta d'agua!

A' menor tentativa de reacção contra tão inauditas prepotencias, as portas da Inquisição do largo do Palacio logo se abrem de par em par para engulir dum trago os audaciosos que taes *abusos* praticam; ao mais pequeno gesto de revolta contra tão inqualificaveis arbitrariedades, a matilha de energúmenos, munida de porretes e trabucos, aggride desalmadamente, sem hesitações, os atrevidos que assim procedem, recebendo pelo feito *merecidos* louvores e recompensas!

E' o *crê ou morre* dos tempos medievaes! E' a escravisação do povo trabalhador na sua phase mais aguda! E' a idade de ouro da tyrannia e do despotismo mais descofreado que a historia hodierna regista nos seus fastos!

Os estrangeiros obêsos de vadiice e cheios de dinheiro e de importancia, esses podem provocar a fome, a miseria, o soffrimento a êsmo — que lá estão os mandõesinhos de fancaria para fazerem ouvidos de mercador perante a infamia do seu crime!

Aos estrangeiros esqualidos de labutar, e por isso mesmo impossibilitados de *untar* as mãos a todos os Eloys havidos e por haver, a esses nem ao menos é [illegible] quem os explora, — pois lá está o Santo Officio para acoimal-os de subvertedores da ordem social e exigir para elles a forca ou a guilhotina!

E' concedido aos primeiros o direito de professarem ideias, propagal-as e discutil-as: mas aos segundos o mesmo direito é recusado, sob a gratuita allegação de que os operarios ganham o bastante para occorrer ás suas necessidades, cahindo, dessa forma, pela base o motivo que lh'as faz conceber (!!). A estes, ainda, nega-se a liberdade de educarem e instruirem o seu intellecto — porque a sabedoria é apanagio dos grandes e o povo nasceu só para vegetar no pantano da ignorancia! A'quelles essa liberdade reveste fóros duma herança para uso proprio, sendo-lhes facultados todos os meios de enriquecerem o seu espirito com os conhecimentos das artes, das sciencias e das letras!

Onde, pois, a egualdade de direitos e deveres, que tanto enchem a bocca dos pretensos sociologos das duzias? Onde a protecção dispensada aos pequenos, aos párias, aos illotas, quando os usurpadores do suor alheio os acorrentam ao grilhão da iniquidade?

O Santo Officio não responde, não é capaz de responder, satisfatoriamente, a estas perguntas. E não responde satisfatoriamente porque a verdade, sendo uma só, está comnosco, não com elle.

O Santo Officio collocou-se numa situação falsa, de que é difficil sahir. Nada, neste mundo, será capaz de salval-o da mão ferrea do Vingador — o Povo!

Os *borrachões* que compõem o seu exercito de verdugos já estão julgados pela opinião sensata e imparcial. Os gatunos que formam a sua quadrilha de esbirros já o publico os conhece á légua, preparando-se para lhes dar, na primeira opportunidade, o devido correctivo. Os salteadores que constituem a guarda-avançada dos Loyolas modernisados, toda a gente os aponta a dedo como réus confessos dos maiores opprobrios e deshumanidades.

Por outro lado, os manes dos grandes apostolos da abolição da escravatura gritam indignados aos ouvidos dos déspotas:

— Récua de bandidos! Foi para isto, foi para que vós praticasseis crimes tão abominaveis que tanto nos sacrificámos em vida!

Foi para que tantos annos depois de colhidos os fructos da nossa propaganda libertadora, a obra realisada seja assim infamemente adulterada? Não, canalhas! Não, tartufos! A escravidão morreu. A data de 13 de Maio não esquece mais. Que os negreiros duma figa sejam punidos inexoravelmente. Que os sanguesugas de má morte paguem o mal que praticam. Liberdade para o povo, carrascos! Justiça para os escravos, tyrannos!

Assim se exprimem os manes... Mas a malandragem do mando parece pouco disposta a attendel-os. Obcecada pelo odio, continua imperturbavel. Depois da prisão em massa de indefesos operarios, rumina planos mais sinistros: o massacre!

Pois elle que venha. Verão os ebrios do Santo Officio, verão os caftens da Inquisição, verão todos os parasitas de farda ou sem farda como saberemos defender a nossa pelle!

Poderosa, de resto, era a Bastilha — e um povo ávido de justiça e liberdade em poucos momentos conseguiu destruil-a e arrazal-a.

Como não ha de outro povo, egualmente famelico e espesinhado, poder reduzir a escombros as masmorras duma Inquisição arremedada?

ANDRADE CADETE.

Labéo que honra

Edgard Leuenroth é accusado, pela Policia, como mandante do assalto ao Moinho Santista

Desde ante-hontem, a população desta capital soube pelas informações prestadas pelo sr. delegado geral ao dr. juiz da 4a. vara criminal que Edgard Leuenroth, director d'*A Plebe*, fôra preso pelo 5o. delegado de policia, em virtude de mandado expedido pelo juiz da 4a. vara, como incurso nas penas do art. 356, combinado com o art. 18, paragrapho 2o. do Codigo Penal.

Não foi uma surpreza para o ardoroso e dedicado operario jornalista o infame processo architectado nas trevas pelo delegado Bandeira de Mello. Desde 1.o do corrente, o director d'O COMBATE, em virtude das notas colhidas pela nossa reportagem e publicadas na edição do dia 3, havia scientificado o destemido luctador da cilada preparada pela policia jesuitica desses estadistas que hybernam sob as saias do sr. arcebispo.

Sereno, calmo, com a consciencia tranquilla dos homens de ideal, Edgard declarou nos que aguardaria a consummação da torpeza, recordando a phrase com que na madrugada de 15 de julho, na sala da redacção do «Estado de S. Paulo», ás 3 1/2 da madrugada, obtivera de seus companheiros do Comité de Defesa Proletaria a cessação da greve geral e a confiança nas promessas da negregada oligarchia [illegible] Comité da [illegible]

— Nós tambem [illegible] e filhos e sabemos as responsabilidades que pesam sobre as nossas cabeças, mas nos movimentos proletarios os individuos nada valem...

Saiba, pois, o povo paulista que um dos homens em cujas mãos anarchicas estiveram durante a ultima grève, a vida e as propriedades de tres milhões de habitantes, é accusado de «subtrahir, para si ou para outrem, cousa movel, fazendo violencia á pessôa ou empregando força contra a cousa» (art. 356), porque são autores «os que, tendo resolvido a execução do crime, provocarem e determinarem outros a executal-o por meio de dadivas, promessas, mandatos, ameaças, constrangimento, abuso ou influencia de superioridade hierarchica» (art. 18 § 2o.). Quer o governo que elle seja o mandante do assalto ao «Moinho Santista», praticado á vista dos proprios soldados, em 11 de julho proximo passado, delle tendo retirado o populacho alguns saccos de farinha avaliados em trezentos e poucos mil réis.

A policia paulista lança, pois, o labéo de ladrão sobre o director d'*A Plebe*, sobre esse moço de mãos limpas que S. Paulo conhece ha muitos annos, como um partidario exaltado e convicto de idéas avançadas, mas tambem como um homem digno, honrado e trabalhador.

Não é, felizmente, a policia do sr. Eloy Chaves, com os seus «secretas» e testemunhas falsas a 10$000 por cabeça, quem dá reputação e bôa fama aos que vivem nesta terra.

Edgard Leuenroth só adquiriu a confiança dos operarios porque não é um explorador, nem um parasita. Idealista, sonhador, é dos que se sacrificam pelas theorias que pregam pela palavra e pelo exemplo.

Accusam-n'o de anarchista e censuram nos porque tomamos a defesa desses libertarios. Republicanos radicaes, não nos pejamos de affirmar esquecer[illegible] respeitam a Constituição, procurando supprimir a liberdade de pensamento. Somos dos que julgam como Pi y Margall, que «por uma direcção habil e energica, é possivel realizar ainda essa Anarchia que tanto assusta as gentes. Falamos, nós da Anarchia que recorre ás bombas de dynamyte, mas da Anarchia que tem por fim diluir a autoridade em livres instituições».

Acceitamos essa corrente donde sahiram os Briand, os Millerand, os Clemenceau, os Vaillants, os Jules Guesde, os Jaurés, os Lloyd George, os Vandervelde, os Bissolatti, os Kerensky.

Não nos aterrorizam as organizações syndicalistas, porque só ellas tornaram possiveis as transformações porque têm passado a politica mundial nestes tres annos de conflagração: as conquistas da Revolução Franceza completam-se pelas victorias da Grande Guerra.

E não creiam os olygarchas paulistas que ainda seja possivel suffocar as reivindicações operarias. O exemplo de Tzarcoeselo deve bastar aos Campos Elyseos...

Quer a policia que o povo acredite que Edgard Leuenroth seja um ladrão. Não é possivel.

Os paulistas que não venderam a sua consciencia ao Thesouro sabem que o director d'*A Plebe* ainda não foi governo...

Elle ainda não foi presidente da Republica, para dar 815 contos do erario publico a um jornalista. Jamais governou num Estado-modelo para pagar com os dinheiros do povo os embusteiros que têem a *buena dicha*. Nunca fez campanha civilista, nem comprou por 300 contos um [illegible] Ainda não pagar pelos [illegible] retratos de filhas e festejar bodas de prata. Até agora, não poude dar, como secretario da Fazenda, gratificações aos proprios filhos, um «encosto» nos potes ou comprou jornalistas. Não tem verba secreta para pagar testemunhas na secretaria da Justiça. Nunca pagou *champagne* e charutos como «Soccorros Publicos».

Si elle é mandante de roubos, passe em effigie, pelo gabinete de Identificação, o grande São Clemente, que ha 1800 annos pregava que «a propriedade privada é filha da iniquidade». Recolhei á Cadeia Publica o sabio S. Jeronymo, porque dizia que «a opulencia é sempre producto do roubo. Si não o commetteram os actuaes proprietarios, commetteram n'o, sem duvida, os seus antepassados».

O governo, encarcerando Leuenroth, acaba de dar ao jornalista libertario mais uma aureola: «Crêde-me, dizia S. Paulo, porque eu estiva na prisão»...

Neste momento em que amigos e parentes, angustiados, appellam para a imprensa, afim de que a Verdade triumphe, os nossos votos são para que a esposa da victima da Policia ensine a seus filhos o sacrificio pelo Ideal, proclamando bem alto esse labéo que os honra.

E que a boa velhinha, que talvez não possa mais abençoar o filho querido, feche os olhos tranquilla, certa de que esse «ladrão» deixa um exemplo a seguir, porque

«el vivir es una escuela de honor,
donde se aprende a sufrir,
para enseñarnos mejor
como se debe morir...»

(D'O Combate).

O que «ella» quer

O intuito da policia praticando as arbitrariedades que está praticando desde ha dias é desviar a attenção do operariado da sua organização.

Imagina ella que, privando os operarios de se reunirem nestes dias de estado de sitio, conseguirá facilmente matar a solidariedade que reina entre a classe trabalhadora.

Com a prisão do nosso director e de outros companheiros que labutam no meio operario, julga poder melhor conseguir o que está desejando.

Mas a policia é tola e ignora que os proletarios, embora privados do contacto com os seus companheiros, manter-se-ão invariavelmente unidos.

O PÁU FURADO

Tal iniciativa só merecia os mais vivos aplausos, se realmente a lei, que se prepara, tornasse extensi va *a todos* a obrigação do serviço militar. Mas, nessa lei, que já venceu na Camara dos Deputados os tramites da segunda discussão, ha excepções e isenções odiosas que a tornam positivamente inconstitucional, inexequivel e absurda.

Sem cuidar de outros muitos defeitos do projecto, basta, para julga-lo e condena-lo, que pensemos nisto: ele isenta do serviço obrigatorio os padres e frades, os homens diplomados e os funcionarios publicos.

Postas de lado essas tres classes, ficam sujeitas á sujeição do *páu furado?* Sómente duas: a dos capitalistas e dos operarios...

Mas a classe dos capitalistas, para se eximir do dever militar e de qualquer outro dever, não precisa de excepções fixadas em lei: para iludir todas as leis, para torce-las, para burla-las, para anula-las, os capitalistas tem isto, que abala montanhas, séca oceanos, invade céus e conquista homens e deuzes: o dinheiro!...

De modo que a classe unica, que vai empunhar o *páu furado*, e fazer faxina, e apanhar soalheiras e chuvaradas, e «aprender a morrer» é a classe dos humildes, dos pobres, dos trabalhadores que penam muito e ganham pouco, — a classe das eternas bestas de carga.

Tambem estes pobres diabos não devem extranhar muito esta nova injustiça que sobre eles desaba: nasceram sofrendo, teem vivido sofrendo e sofrendo hão de morrer: parece que só nasceram para isso.

Mas não é verdade que isso revolta e indigna?

Com que direito, em virtude de que consideração filosofica, moral, scientifica ou abstracta, — os padres e frades e os baxareis e doutores hão de ser perentoriamente, absolutamente, terminantemente dispensados de todo e qualquer serviço militar obrigatorio? Ha de certo muitos padres e muitos doutores que trabalham muito; mas, no lado desses, — é licito dizer que os frades mandriões, os padres vadios, os bacharéis ociosos, os doutores malandros são legião.

Então uma simples corôa aberta á navalha na cabeça de um homem, e um simples anel de pedra cara dispensado ao dedo de outro homem, póde fazer desses dois homens duas criaturas indispensaveis á boa marcha [illegible] coisas da vida civil, em caso algum, [illegible] nenhum deles, em caso algum, [illegible] *páu furado* e morrer num campo de batalha?

Essas excepções são simplesmente odiosas e ridiculas. E, desse modo, a organização das nossas forças militares continuará a ser uma vã esperança e um irrealizavel projecto.

Olavo Bilac.

Calinadas officiosas...

O realejo do governo, assumindo como lhe compete a defesa dos salteadores de farda, ejaculou na quarta-feira a seguinte calinada:

«O que a policia fez foi acabar com as farças das *ligas libertarias*, que não passavam *de centros de anarchismo*... (O sublinhado é nosso)».

E' claro que se as ligas fossem libertarias, seriam ipso facto *centros de anarchismo. Mas a bestiaga não vê um palmo adeante do nariz, ignora que os termos* libertario *e* anarchista *são uma e a mesma coisa.*

O zelo que ella tem em querer a viva força demonstrar a illegalidade das organizações operarias, embrutece-a de tal fórma que nós receamos bem vêl-a ainda, mais dia menos dia, á puxar uma carroça...

Olhe, alminha do Senhor, o melhor que tem a fazer, para não botar figura d'urso sempre que abre a guella para expectorar o escarro de despeito que lhe suffoca a garganta, é o seguinte:

Diga aos patrões, a soldo dos quaes está, que se quizerem dar cabo dos anarchistas não devem mandar encerrar-lhes as associações, porque isso é uma violencia de resultados contraproducentes. Devem, sim, é permittir-lhes o desenvolvimento da propaganda emancipadora, cujo escopo é a remodelação estructural desta corrupta sociedade, pois que, conseguido esse desideratum, não haverá mais anarchistas, mas homens livres e eguaes, irmãos na mais lata accepção do termo.

O realejo, porém, não tocará essa aria; de contrario seria arranjar lenha para se queimar...

Prosegu[illegible] nas suas patacoadas so[illegible] philosophia social, o realejo [illegible] [go]vernamental soltou mais esta [illegible] desafinada:

Tirando [illegible] [d]os anarchistas tirando a[illegible] [o]perarios...) uma parcella d[illegible] seus recursos a titulo de co[illegible] [cont]ribuição para promover [illegible] das reivindicações prole[tarias]», como elles chamav[a]m [illegible] greve geral e ás violencias [illegible] eram pontos do seu progr[amma]...

Em pri[meiro] logar, toda a gente sab[e] que em todas as agremiaçõ[es] [q]uem lida com os dinheiros [illegible] [soci]aes são pessoas de honestid[ade] incontestavel, escolhidas d[entre] os seus componentes. P[or] conseguinte, volte o tiro ao p[onto] da partida...

Em seg[undo] logar, se a greve ger[al] não é «obra de reivindicaç[ões] proletarias», então deverem[os] confessar que andavamos [er]rando num erro assás gros[seiro]...

Reivind[icaçõ]es proletarias, segundo quer [o] real jo insinuar, deve ser [qual]quer coisa parecida assim [co]mo o amordaçamento dos [tra]balhadores.

A vida e[stá] cara? os salarios são irr[is]orios? os alugueis de casa cus[ta]m um dinheirão? Pois mui[to] bem: Esperem os operarios [que] os patrões satisfaçam a su[a] desmedida ganancia; soffra[m] resignadamente a exploração [d]os seus algozes; deixem em[…] passar sem protesto as in[fa]mias que sobre elles vomitar[em].

Fiquem c[ien]tes os operarios de que dep[ois] de tudo isto, ou melhor, [dep]ois de terem sido reduzidos á infima condição de escravos de gleba, o realejo tocará de regosijo por tão grandiosa «obra de reivindicações proletarias»...

Sim, por[que] na opinião do zebroide a greve geral é um acto violento digno de ser punido com a guilhotina.

E ahi está como os grandes estadistas da Europa recebem uma lição mestra destes ridiculos pygmeus do Estado-Modelo!

BOMBEIROS OU SOLDADOS?

Em toda a parte do mundo a instituição dos bombeiros é considerada como humanitaria, visto só ter esta elevada missão: prestar soccorros de salvamento por occasião de incendios e outros sinistros analogos.

Entre nós, porém, os bombeiros accumulam outra funcção: além de salvadores, são tambem matadores!

Ultimamente têm elles a dado por ahi empunhando armas, para guardarem as costas dos ricaços e fuzilarem os operarios, no caso de haver ensejo para isso.

Esses pobres diabos nem ao menos se lembram que pertencem ás classes proletarias! Ser bombeiro — no sentido em que estamos empregando este termo — não é ser militar. O militar é completamente differente do bombeiro. Emquanto aquelle mata, destroe e rouba — este salva, evita desmoronamentos e desvios rubrepticios. Emquanto aquelle é inimigo figadal da humanidade, este é o seu mais dedicado servidor.

Bombeiros-soldados! Onde se viu tão grande contrasenso, tão grande aberração?

Isto só na terra dos governadores... que se governam! Isto só na patria dos insaciaveis sugadores da teta do erario publico!

Tivessem os bombeiros a energia precisa para repellir as bestas feras que os obrigam a trahir a sua nobre profissão e seriam applaudidos por toda a gente de bem!

Lembrem-se ao menos que são operarios, como os outros — e não se apresentem nunca a serem confundidos, misturados com os vulgares assassinos da caserna, com esses criminosos sem entranhas que não respeitam nem mulheres, nem velhos, nem creanças!...

PELOS FERROVIARIOS

O terror na Companhia Ingleza — Operarios despedidos por serem organizadores da sua classe — Ameaças do Superintendente aos operarios filiados á União — A parcialidade do Governo e das autoridades

Desde [illegible] a policia fez propalar falsamente o boato terrificante duma nova [illegible] Paulo Railway Company, uma atmosphera pesada de sobresalto e mal-estar se formou intra-muros da poderosa senzala dos sobas gran-bretanheses.

Além de «innundarem» de soldados armados até aos dentes os differentes pontos da estrada-ferrea, os engravatados mandarins do governo estadual fizeram espalhar pelas officinas e demais dependencias da ingleza numerosos policias e secretas.

Debaixo desta coacção sem precedentes, aos operarios nada mais restava que ficarem mudos e quedos, pois se se arriscassem a trocar impressões entre si fosse sobre que assumpto fosse, seriam immediatamente postos no olho da rua sob a accusação ridicula de que eram... «conspiradores»!

Os mais conscientes, todavia, é que entenderam não supportar situação tão deprimente quanto vexatoria, e dahi o começarem a protestar, embora platonicamente.

Valeu-lhes o «atrevimento» ficarem desempregados e ainda por cima serem ameaçados de prisão no caso de não abandonarem, dentro de poucos minutos, a séde da Companhia!

Estavam as coisas neste pé, quando boatos de greves, revoluções, o diabo, novamente principiam circulando.

Era esse o «mot-d'ord» para a intensificação das violencias policiaes, afim de satisfazer os instinctos perversos dos lords inglezes.

Pretextando, pois, apprehender umas hypotheticas proclamações á greve, a policia invadiu a União Geral dos Ferroviarios de onde subtrahiu os livros da escripta social.

Guiando-se por elles, detatou então a prender quantos nella exerciam quaesquer funcções directivas, fornecendo á Ingleza uma lista com os nomes dos restantes operarios associados para que esta os chamasse á «ordem».

Dito e feito. A Companhia, que em julho ultimo se comprometiera a respeitar o direito de reunião e a não perseguir nenhum operario por manifestar tendencias emancipadoras, esqueceu depressa esse compromisso e... desmascarou-se.

Sem hesitar um momento, dirigiu aos operarios esta despotica intimação: Ou elles lhe entregavam as cadernetas de socios da União, ou seriam despedidos sem mais contemplações!

Insaciavel como é a Ingleza não se satisfazia só com a prisão arbitraria dos operarios mais em evidencia na classe ferroviaria, nem com a perseguição acintosa movida a tantos exemplares chefes de familia. Necessit va de mais e melhor.

Assim sendo, levava a sua audacia ao ponto de desferir aquelle golpe de mestre na agremiação que lhe vinha suscitando os engulhos!

A União Geral dos Ferroviarios está, pois, em estado de esphacelamento. Realizam-se desse modo os desejos dos potentados da S. Paulo, ignobilmente connubiados com os sicarios da governança. Cumprem-se dessa maneira os traiçoeiros projectos dos argentarios inglezes, despudoradamente conluiados com os bandidos do mando!

Não encontramos palavras sufficientemente energicas, sufficientemente indignadas para estigmatisar aqui a torpeza que taes actos revelam. Por isso nos limitamos a perguntar qual será a attitude do operariado deante de tamanha affronta aos seus brios e á sua dignidade? Consentirá elle em que os ladrões encartados que por ahi pullulam entoem hosannas de triumpho? Permittirá elle a consummação de tão inominavel esbulho do mais legitimo dos direitos humanos? Tolerará elle que a força bruta maniete, amordasse e escravise os seus irmãos de miseria e soffrimento?

Não, não o cremos! Isso seria o mesmo que entregar passivamente as mãos ao carrasco para que lh'as algemasse...

Entretanto, seria curioso saber-se quanto dispenderia a Ingleza com a obtenção da solidariedade governativa á sua obra de banditismo o mais completo.

Calculamos... Com essa somma muita fome poderia ser saciada, muita indigencia poderia extinguir-se, muita tortura poderia [illegible] Que importa aos Creso da opulencia os males que affligem o operariado? Que importa aos Nababos da fartura o regimen de jejum permanente a que se acham submettidos os trabalhadores?

A organização dos ferroviarios tirava o somno aos senhores da Companhia. Os escravos mostravam velleidades de libertação. Logo, impunha-se um acto de força — embora com manifesto menospreso á lei e á moral. E a proeza perpetrou-se; e a façanha não se fez esperar...

No baldado empenho de se justificar de tão repugnante conducta, a S. Paulo allega coisas engraçadas, como, por exemplo, que a União só servia para meia duzia de «meneurs», alheios á classe, se governar, pois que os operarios do que precisavam não era de associação de classe mas, sim, duma cooperativa de consumo, e isso estava ella prompta a fundar...

Como é que a Ingleza se mostra assim tão interessada com a sorte dos operarios, quando, por outro lado, não se peja de roubal-os e espesinhal-os? Como é que a Ingleza protesta aos operarios o seu apoio a uma situação mais equitativa, quando até agora só tem agido para reduzil-os a uma condição mais do que servil?

A Ingleza a proteger os operarios! Se tal absurdo fosse possivel, uma unica maneira haveria de demonstral-o: Em vez de impir o anniquillamento do seu baluarte de luta e defesa economica, incital-os-ia antes a se unirem como um só homem. Em logar de perseguições e vexames como os que tem praticado nos ultimos dias, iria ao encontro das suas justas aspirações, concedendo-lhes sem rodeios mais uma côdea de pão.

Ora tendo a Ingleza procedimento bem differente, obvio se torna que é aos operarios que compete promover e executar os seus planos de emancipação e egualdade e nunca aos Judas patronaes.

Embora entregassem as cadernetas sociaes, isso não é razão para darem como morta a União. Cadernetas ha muitas... E' só reclamar outras novas. De resto, mesmo sem cadernetas podem os operarios continuar associados. Basta só pagar as quotas. Coisa facil e... pratica.

Quanto aos «extranhos» que se governam á custa alheia, não dê isso cuidado á «generosa» Companhia. Os trabalhadores, se apresentam, realmente, as mãos sujas é do trabalho — não da lama pestifera em que andam atascados os vampiros e sanguesugas do suor de quem soffre o guante da escravidão!

* * *

Era nosso desejo estampermos neste numero o decantado «aviso» em que a Ingleza despeja sobre a União Geral dos Ferroviarios a peçonha venenosa do seu mal contido odio.

Foi até com esse intuito que um nosso companheiro de redacção se dirigiu na quinta-feira á estação da Luz, afim de obter ao menos a copia do referido «documento», o que não conseguiu devido a ter notado a presença de dois dos espiões que ali têm o seu quartel general.

Caso possa ser, pois, dal-o-emos na proxima semana, tendo então o publico paulista e mórmente a familia obreira do Brasil opportunidade de avaliar o quanto é baixa e repugnante a attitude dos régulos inglezes, a quem o governo do Estado lambe as botas com um impudor que corre parelhas com o das prostitutas mais debochadas.

ZEFERINO, o nosso velho companheiro de trabalho desappareceu tambem dentre nós, victima do furor dos javerts paulistanos.

Em algum dos presidios tetricos desta civilisada Paulicéa, elle está pagando, por certo, até agora, todo o bem que tem feito, toda a ternura que tem espalhado...

MANIFESTO

do Centro Feminino «Jovens Idealistas»

— ao povo trabalhador de S. Paulo —

Ninguem desconhece certamente as arbitrariedades que a policia paulista vem praticando ha dias, com alguns operarios, dos quaes se ignora o paradeiro, tendo sido inuteis todas as diligencias feitas para saber onde se acham e qual o crime que commetteram.

O que pretende a policia com esses abusos, nós bem o sabemos.

Durante muito tempo, o operariado desta cidade vegetou na mais humilhante apathia, deixando-se espezinhar e insultar, sem proferir um só grito de revolta. Ultimamente, porém, cançado de supportar o peso de sua escravidão, começou a organizar se em ligas e syndicatos, para poder, unido, conquistar um pouco mais de bem-estar e tranquillidade. Mas os negreiros de S. Paulo, acostumados a considerar o povo paulista como uma besta de carga, que lhes pertencia e do qual podiam dispôr e maltratar como entendessem, não podiam ver com bons olhos esse sublime despertar. E para impedir que aqui, como em todos os paizes civilizados, o povo aprenda e saiba erguer a sua voz potente diante das grandes injustiças sociaes, emprehenderam uma covarde perseguição contra aquelles que, pela sua abnegação, mais se destacaram no movimento operario e davam a este uma orientação de accôrdo com as verdadeiras aspirações do operariado.

Desta forma, pensam elles acabar com a organização operaria desta cidade. Isto é não outra coisa, é o que visa a policia com as suas selvagerias.

O que se torna necessario agora é que o operariado, consciente de seus direitos e deveres, saiba demonstrar a essa caterva de barbaros, que os ideaes de um povo não se suffocam com acções covardes; que não ha força capaz de as suffocar.

Nós que, como filhas do povo, não temos maior aspiração que a de ver esse mesmo povo, livre de todos os jugos que o aviltam, alçar se altivo, demonstrando não ser um miseravel rebanho, disposto sempre a deixar-se tosquiar; fazemos um caloroso appello aos trabalhadores de S. Paulo, afim de que permaneçam unidos, continuando nas ligas ou syndicatos a que pertencem, redobrando de actividade, no sentido de attrahir á organização os operarios ainda não organizados, desbaratando desta fórma os planos machiavelicos dos industriaes e da policia e salvando a sua dignidade de homens de brio.

A organização é necessaria para o bem do povo e deve ser sustentada, custe o que custar.

Fazemos tambem constar o nosso vehemente protesto contra as arbitrariedades da policia que em sua sanha bestial desconhece até o respeito devido ao pudor natural de mulheres honradas a quem a policia insultou, penetrando altas horas da noite em seus aposentos e arrancando-lhes a roupa com que se cobriam.

A acção da policia, praticando esses monstruosidades, foi tão covarde, tão infame, tão suja que não achamos palavras capazes de exprimir a nossa indignação.

Mas nós confiamos no povo. Sabemos que tanta infamia não lhe pode ser indifferente, posto que a elle se visou ferir, com esses actos mesquinhos.

O Centro Feminino «Jovens Idealistas» do qual fazem parte algumas parentas dos operarios presos e escolhidos pela policia, para servirem de victimas, nos quaes possa saciar o odio que contra o povo nutre, só pede aos trabalhadores de S. Paulo, por emquanto, uma coisa: que permaneçam unidos e firmes no seu proposito de fazer imperar a Liberdade e a Justiça, e de estarem attentos á primeira voz de alarme.

Si os srs. feudaes desta terra entendem transformar S. Paulo numa grande senzala, nós devemos demonstrar-lhes que estamos dispostos a impedir que tal aconteça».

Bellicosidades

Entrevista com a professora da Escola «7 de Setembro» — Appello aos paes

O promettido é devido. Nestas condições, vimos hoje fazer mais algumas considerações acerca da determinação official baixada ás escolas de instrucção primaria para que aos alumnos fizessem os professores preleccas guerreiras e patrioticas, com o fim de educal-os no sentimento militarista.

Como dissémos, uma das escolas mais apressadas em executar a referida determinação foi a denominada «7 de Setembro», sita á rua da Cantareira, 59.

Incumbimos, por isso, um nosso companheiro de redacção de ir entrevistar a regente desse estabelecimento de ensino, e o que ella lhe communicou é simplesmente edificante na sua rude singeleza.

A illustre senhorita, á pergunta respeitante ao modo como conciliava a sua missão de professora de letras com a de instructora de armas, respondeu com alguma emphase:

— Eu não ensino os meus alumnos no manejo das espingardas; isso faz um sargento do exercito, que aqui vem quasi todos os dias. A mim só pertence inocular-lhes o amor da patria e mostrar o dever que todos têm de a defender em caso de perigo...

— Perfeitamente — atalhou o nosso companheiro. Mas a senhorita deve convir que os pequenos nenhum proveito tirarão das lições inherentes á escola — aprender a ler, escrever, contar, etc. — uma vez que, inebriadas com os «brinquedos» que para elles representam as espingardas, só pensarão em commetter «façanhas» dignas de serem citadas na... ordem do dia!

— Não digo que não... Todavia eu é que não posso nem devo desobedecer aos meus superiores, visto que, além de nem sequer ser diplomada no magisterio primario, entendo que primeiro que tudo está a patria, a grandeza do Brasil.

— Pois faz a senhorita muito bem; cada qual tem o direito de pensar como lhe approuver. Eu, porém, se fosse casado e tivesse filhos é que não consentiria que lhes ensinassem outra coisa que não fosse a ler e a escrever. Para aprender a matar gente, lá está o quartel. O fim da escola é mais nobre, mais elevado.

E, dizendo isto, o nosso companheiro levantou-se da cadeira que gentilmente lhe havia sido offerecida, despediu-se da illustre professora e sahiu — maldizendo a ignominia desta sociedade que torce no embryão a mentalidade das creanças, para poder transformal-as na adolescencia em polichinellos de barraca, movidos a bel-prazer da horda opulenta e parasitaria.

E' assim que ella concebe a educação dos menores, em vez de lhes ministrar ensinamentos de humanidade e fraternisação!

De louvar será, portanto, que os paes de taes alumnos ponham termo a semelhante abuso, não consentindo que os filhos se bestialisem e embruteçam precisamente na edade em que no seu espirito ainda não floresce a planta damninha da maldade humana.

O militarismo é um escalracho nocivo e deleterio que urge exterminar quanto antes, para que o sangue innocente do povo não torne a correr em torrentes caudalosas, como agora está succedendo por essa Europa a fóra!

E' repugnante que se deixe prevalecer uma instituição que, para defender a patria... e as batatas, ordena aos seus serventuarios que assassinem seus proprios paes, seus proprios irmãos e até seus proprios filhos!

Guerra a tão monstruoso absurdo, que traduz a negação completa do Progresso e da Civilisação!

Não nos surprehendeu a attitude infame da policia assumida contra os nossos companheiros de lutas que, a esta hora, com o pensamento voltado para a causa da redempção dos opprimidos, ainda são as victimas heroicas da sanha policial.

Não nos surprehendeu a sua attitude, criminosamente provocadora contra todos nós, porque dos salteadores do covil do largo do Palacio, jámais esperamos outra coisa e não obstante, hoje como hontem, amanhã como depois, haveremos de nos bater, sempre com mais coragem, pela causa sublime que abraçámos.

Z.

Em favor dos operarios presos e de suas familias

Na redacção provisoria d'*A Plebe*, ao largo do Riachuelo, 26-B, está aberta uma subscripção em favor dos operarios presos e de suas familias, que se acham privadas de todos os recursos.

Os companheiros que desejarem concorrer, na medida de suas forças, para esse fim tão humanitario, poderão procurar os camaradas deste jornal, no endereço acima, das 8 ás 16 horas.

Quantias já subscriptas:

«A Plebe»	5$000
A. C.	500

Chamem RAPIDOS

O despotismo policial de S. Paulo

através das apreciações da imprensa do Rio

Dentre os orgams da imprensa carioca que se têm occupado dos ultimos actos de banditismo da policia de S. Paulo, é a *Razão* o que com maior vehemencia os tem profligado em justas e opportunas apreciações. Em extensas e completas reportagens enviadas pelo seu correspondente nesta cidade, tem esse diario revelado ao publico as revoltantes scenas de vandalismo mandadas praticar pelos governantes deste feudo, avidos de patentearem aos seus amos uma inexcedivel dedicação na defesa dos seus interesses.

A proposito, num dos seus ultimos numeros, o referido correspondente tratando dos actuaes acontecimentos, debuxou com rigorosa fidelidade o seguinte quadro da atrapalhação em que se viu o governo, diante da feição alarmante que assumiu a gréve ultima, dando, assim, mais uma prova cabal da sua

Incapacidade governamental

«O dr. Altino Arantes mostrou-se abaixo da situação, incapaz do menor acto no sentido de resolver a crise que ameaçava subverter a ordem publica, talvez, os proprios poderes constituidos. O dr. Oscar Rodrigues Alves não tomou a menor das providencias que competiam á secretaria do Interior. O secretario da Agricultura, dr. Candido Motta, de quem depende o Departamento Estadual do Trabalho, esse eclipsou-se literalmente. O dr. Cardoso de Almeida, que, occupando a pasta da Fazenda, poderia tomar medidas economico-financeiras urgentes, tinha muitas ligações com os grandes industriaes para que pudesse intervir como era de seu dever. Ficou só em campo o dr. Eloy Chaves, secretario da Justiça e Segurança publica.

Não se póde desconhecer que o secretario da Justiça tinha boa vontade, fosse porque quizesse brilhar, fosse porque temesse a onda que se formava. O caso é que a sua mediação fracassou. O operariado paulista, acostumado a ver na policia um bando de cossacos de farda ou de «frak», recusou-se a tratar com o seu chefe. Não lhe merecia elle a minima confiança. Acreditava-se, mesmo, que o seu intuito era apoderar-se do conhecimento da organisação grevista e dos seus directores para mais facilmente a derrocar pela força.

A esse tempo constituiu-se o «Comité de Defeza Proletaria», que ficou em sessão permanente em local até hoje ignorado dos famosos «sherlock», da policia de S. Paulo. Dahi enviava elle aos diarios, communicados com que orientava os grevistas. Todas as diligencias feitas para o descobrir resultaram infructiferas. E como que esse mysterio augmentou o seu prestigio, pois que os operarios lhe prestaram inteira obediencia até o ultimo dia da grêve. O governo viu-se, assim, a braços com um poder occulto, que o derrotava invariavelmente nas manobras feitas para suffocar os impulsos reivindicadores dos direitos dos «mujick» em redacção.»

Durou pouco, porém, esse dominio incontrastavel da plebe sublevada...

Dentro em pouco a infernal machina governamental reassumiu cobardemente a sua abominavel e sanguinaria funcção de compressora das aspirações populares.

Apesar, entretanto, da miseravel ferocidade da repressão policial, quebrantava-se ella de encontro á corajosa energia da massa popular e, por fim, sentiu-se impotente para dominal-a. Demos, porém, a palavra á *Razão*, que assim se expressou:

«O governo perde a cabeça

Em face dessa situação, o governo irritou-se e rolou pelo caminho das violencias. S. Paulo transformou-se numa praça de guerra. Todas as cidades do interior foram desguarnecidas de destacamentos policiaes, ficando entregues aos cuidados dos civis abnegados, porque a Força Publica se encontrou inteiramente na capital. Foram assestadas metralhadoras em frente ao palacio do governo e á policia central. E a soldadesca teve ordem de chacinar o povo.

As ruas eram varridas a pata de cavallo de momento a momento. O chanfalho do policial e o cacete do «secreta» feriam populares ás centenas. Travaram-se tiroteios. Dois operarios e uma creancinha cahiram varados pelas balas dos pretorianos. Tinha-se a impressão de que uma revolução campeava na cidade e de que o governo se defendia a tiros de algum poderoso inimigo armado. Dois mil presos encheram os carceres paulistanos.

Tudo era inutil, porém. O emprego da força não alterava o animo dos grevistas. Ao contrario, exaltava-o. E a policia, a pé, a cavallo, em caminhões e em automoveis, era obrigada a correr de um ponto para outro, sem descanço. O seu cançaço era visivel. Durasse a gréve mais 24 ou 48 horas, e, os cossacos se renderiam por esgottamento physico. Já não lhes era possivel aguentar-se mais, sem dormir por um longo praso.»

Reivindicando a sua dignidade de ha muito conspurcada, em breve o povo de S. Paulo infligia aos seus oppressores a mais merecida das humilhações.

«A humilhação do governo

A impressão causada por esses factos, na opinião publica, se foi optima relativamente á solução da crise operaria foi pessima relativamente á posição humilhada em que ficou o governo. A sua impericia para providenciar preventivamente e a sua impotencia para manter a ordem ficaram demonstradas com excessiva evidencia. O «Comité de Defesa Proletaria» dominou a cidade emquanto quiz. Depois, coube ao «Comité da Imprensa» assumir o governo do Estado, deliberando como poder supremo.

O dr. Altino Arantes e seus auxiliares ficaram achatados, sem nenhuma força moral. O prestigio da autoridade andou de rastros. Nunca, talvez, um governo terá soffrido tamanha desmoralisação. A victoria da imprensa e dos operarios custou aos poderes publicos a declaração da sua irremediavel fallencia, na hora critica em que devia patentear a sua efficacia.»

E, para darmos a transcripção destes trechos, um digno remate ahi vae mais este referente á *palavra de honra* official:

«Governo sem palavra

Da acta assignada no palacio dos Campos Elyseos, perante o «Comité da Imprensa», verifica-se que o governo assumiu os seguintes solemnes compromissos:

a) O governo porá em liberdade, immediatamente após á volta dos operarios ao trabalho, todos os individuos presos por motivos estrictamente relativos á gréve, isto é, exceptuando apenas os que foram réos de delicto commum, os quaes, aliás, não são operarios;

b) O governo, como costuma proceder, baseado nas leis e na jurisprudencia dos nossos tribunaes, reconhecerá o direito de reunião, quando este se exercer dentro da lei e não for contrario á ordem publica;

c) Que o poder publico redobrará de esforços para que sejam cumpridas em seu rigor as disposições de lei relativas ao trabalho dos menores nas fabricas;

d) Que o poder publico se interessará, pelos meios a seu alcance, para que sejam estudadas e votadas medidas que defendam os trabalhadores menores de 18 annos e as mulheres no trabalho nocturno;

e) Que o poder publico estudará desde já as medidas viaveis tendentes a minorar o actual estado do encarecimento da vida dentro da sua esphera de acção, procurando outrosim exercer a sua autoridade, officiosamente, junto do grande commercio atacadista de modo a ser garantido aos consumidores um preço razoavel para os generos de primeira necessidade;

f) Que o poder publico, aliás no desempenho de um dever que lhe é muito grato exercer, porá em execução medidas conducentes a impedir a adulteração e falsificação dos generos alimenticios.

Isto foi o que elle prometteu, quando tremia de pavor. Como cumpriu as suas promessas, estão vendo os leitores:

1.o) Os operarios presos só foram postos em liberdade depois de seviciados;

2.o) As sociedades operarias têm sido fechadas arbitraria e violentamente;

3.o) Todas as fabricas continuam a empregar menores, inclusive em trabalhos nocturnos.

4.o) Não se cuidou absolutamente de impedir o trabalho nocturno dos menores de 18 annos e das mulheres;

5.o) O governo não deu o minimo passo, directa ou indirectamente, para fazer baixar os preços dos generos alimenticios;

6.o) Nenhumas providencias foram tomadas contra as fraudes e falsificações dos alimentos.

O governo de S. Paulo, portanto, não é apenas um governo czariano, que affronta a lei e espezinha as liberdades populares: é, tambem, um governo sem palavra, isto é, sem honra».

Movimento operario

Alerta, operarios!

A policia trabalha com afinco para vos desorganizar, tornando-vos impotentes para qualquer luta que pretendaes emprehender

O seu desejo grandissimo do esmagar a vossa organização, surgida após os dias tristes da grande gréve, patenteou-se agora bem claramente, fechando vossas ligas, prendendo vossos companheiros, attentando contra o pudor das vossas filhas e procurando impedir a publicação de jornaes que são o interprete das vossas justas aspirações.

Operarios!

Comprehendei bem, neste momento grave, o que deveis fazer, não vos amedrontando com todas as violencias que os bandidos infamissimos da policia têm praticado desde a semana passada.

Tornae-vos agora mais fortes do que nunca, mostrando para o quanto sois capazes.

Compenetrae-vos, nesta hora amargurada, que o vosso esmorecimento, a vossa fraqueza seria uma catastrophe para vós-mesmos, pois, jamais vereis coroados os vossos ideaes de emancipação se a tibieza vos invadisse.

Conservae-vos firmes e resolutos em qualquer parte onde vos encontreis, afim de poderdes attender, no momento preciso, ao grito de alarme.

Mantei-vos unidos, embora vos hajam dispersado no afan de extinguir a vossa solidariedade tão bella.

Fazei, em ultimo caso, as vossas reuniões ao ar livre, nos vossos bairros, onde se respira um ar saturado de veneno ou nas vossas casas insalubres, mas não vos deixeis vencer pelo desanimo, deixando morrer a vossa federação — «organismo complexo» — que estava aterrorisando os senhores do governo e a gente da burguezia.

Congregae os vossos esforços visando um só objectivo — o da vossa redempção, sem vos aterrorisardes com as ameaças sanguinarias da policia deshumana.

Defendei-vos com bravura, quando fordes atacados pelos cossacos brazileiros, porém não vos mostreis submissos como os escravos da Roma antiga.

Revoltae-vos contra os vossos oppressores, sem imaginardes que pela ordem natural das coisas devieis ser toda a vida opprimidos.

Convencei-vos de que a vossa liberdade depende de vós mesmos, lembrando-os do proverbio consagrado pela experiencia de seculos, «a emancipação dos trabalhadores haverá de ser obra dos proprios trabalhadores.»

Ponde-vos a postos para que quando «soar a hora», não vos encontreis desprevenidos.

Praticae tudo, emfim, que tenha por fim impedir que a policia consiga o seu intento, sem temerdes o poderio dos governos, porquanto estes se derrocam ao estourar do mais leve movimento.

Avante, pois, na cruzada bemdita da vossa salvação!

A PLEBE

A Federação Operaria de S. Paulo ao publico

A Federação Operaria de S. Paulo, mantendo o seu vehemente protesto neste momento angustioso para a classe trabalhadora, vem prevenir ao publico que não se responsabilisará pelo que vier acontecer, hoje ou amanhã, em consequencia dos abusos, atropelos e barbaras violencias praticadas pela policia contra o operariado e suas organizações, como um desafio revoltante, afim de que elle se lance irreflectidamente á luta impreparado e inerme para ser derrotado pela força armada, posta em defesa dos altos interesses dos argentarios.

E' o terror, é o despotismo, é a cessação absoluta dos direitos constitucionaes, tudo o que presenciamos horrorizados.

Não se conformarão os operarios com a continuação dessas violencias, dessas barbaridades, sob pena de appellarem para o ultimo recurso de que dispõem —A greve geral revolucionaria.

Os proletarios pedem desde já que se cumpra o que lhes foi promettido pela Commissão de imprensa, perante o Comité de Defesa Proletaria e a soltura de seus companheiros presos injustamente. Outrosim querem que lhes seja respeitado o direito de se associarem, afim de que não tenham de ir novamente para a rua fazer valer á força o seu direito, defender intrepidamete a sua liberdade.

A attitude do operariado deante dos ultimos acontecimentos

Por communicação que nos foi endereçada pelas diversas agremiações operarias de S. Paulo, sabamos que o operariado inteiro desta Capital espera ancioso a decisão dos «habeas-corpus» requeridos e a solução de outros casos importantes, para vêr a attitude que deverá tomar deante dos ultimos acontecimentos, aqui desenrolados.

A gréve de S. Caetano

Por motivo da censura policial não tivemos mais nenhuma noticia sobre a nova gréve dos [illegible]nadores que ha muitos dias se declarou em S. Caetano.

A parede do Ypiranga

A parede dos operarios da fabrica de tecidos da firma Nami Jafet Irmãos, terminou ha poucos dias com a derrota formidavel dos grevistas, devido á falta de solidariedade que reinava entre elles.

Censuramos asperamente os operarios que retomaram o trabalho, embora com prejuizo dos 20 °|. anteriormente conquistados e felicitamos os que preferiram ficar sem trabalho a voltar para a fabrica daquelles grandes carrascos da terra de Mahomet.

Em Cotia

Gréve dos canteiros

Os canteiros que trabalham na fabrica de Cotia declararam-se em gréve no dia 10 do corrente, por ter o proprietario da mesma deixado de fazer o pagamento dos salarios naquella data, conforme havia sido estabelecido.

Até hoje, porém devido a attitude da policia — que tem privado os operarios de se communicarem commosco — não sabemos como terminou essa parede.

Em Porto Alegre

A União Typographica possue já uma importante bibliotheca

O valoroso baluarte dos trabalhadores graphicos portoalegrenses, tendo fundado ha pouco uma magnifica e selecta bibliotheca para recreio dos seus associados, não descuida um instante da tarefa que tomou de a fazer prosperar e engrandecer.

Assim é que no appello que nesse sentido dirigiu a diversas entidades intellectuaes brasileiras, teve a satisfação de constatar o acolhimento lisongeiro de todas ellas, contando-se em algumas dezenas o numero de obras que lhe foram enviadas.

Folgamos com o facto, desejando que os companheiros da classe typographica daquella cidade do sul eduquem e cultivem cada vez mais o seu espirito para alcançarem o ideal collimado.

Reunião

Realizou-se hontem a reunião dos varios representantes das ligas operarias desta capital, para se tratar do auxilio pecuniario que essas agremiações têm de prestar aos operarios victimas do rancor policial destes ultimos dias e ás suas familias.

Ficou resolvido que nenhuma dessas ligas se recusará a prestar esse auxilio e em proxima reunião se estipulará o *quantum* com que cada uma dellas concorrerá.

União Operaria de Diamantina

Recebemos e agradecemos a seguinte communicação.

Sr. Redactor d'«A Plebe».

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. S. que tomou posse a nova Directoria da União Operaria Beneficente desta cidade, que tem de guiar os destinos desta Associação, de Junho de 1917 a 1918, ficando assim constituida.

Presidente—Alvaro Guiomarino Guieiro; reeleito.

Vice-Presidente — Joã Moreira da Costa.

1.o Secretario — Antonio Pereira de Andrade, reeleito.

2.o Secretario — Augusto Marques Vianna.

1.o Orador—Augusto Fernandes do Azevedo.

2.o Orador—Leopoldo de Miranda.

Thesoureiro — José Netto Motta.

Esta Directoria espera continuar a merecer a confiança de V. S.

O 1.o secretario.

Antonio Pereira de Andrade.»

PLEBEISMOS

Muito embóra vá ferir a modestia dos plebeus que mourejam com dedicação em pról da sua emancipação, reputo uma injustiça não falar algo sobre o nosso jornal, em bôa hora lançado nos azares da publicidade para diffundir os ideaes que a nobreza de sentimentos dum Kropotkine, dum Reclus, dum Bakounine, dum Tolstoi e de tantos outros precursores do Anarchismo semearam pelo Universo, com a palavra e com o exemplo.

A PLEBE é o fructo de uma necessidade no meio libertario, mórmente numa época em que a opposição, a hypocrisia e a impostura attingiu ao seu auge.

Apenas dez numeros circularam, e quanta luz não terá espalhado aos recalcitrantes do nosso nobilissimo ideal, animando os pusilanimes e revigorando a energia dos que se batem contra as tyrannias de uma sociedade putrida?

Obstaculos de todas as especies não faltarão; mas A PLEBE, amparada por todos os homens conscientes, que amam a verdade e a justiça, seguirá impavida—*Rumo á Revolução Social*, cujos prodromos testemunhou na sua ainda curta existencia e a cujos prenuncios animadores assistiu a burguezia, amedrontada com as successivas grêves occasionadas pela fome.

Convicto de que os que me lêem não olvidarão de minhas palavras, peço que todos ajudem os nossos jornaes, quer fazendo propaganda, quer angariando assignaturas ou mesmo comprando os, pois que sempre compramos os jornaes burguezes geralmente prostituidos, e nunca será de mais ajudarmos os jornaes que representam as nossas idéas e que trabalham pela nossa emancipação social.

Um bravo, pois, aos companheiros d' A PLEBE!

José Alodio

LISTAS

A pedido de alguns companheiros esta redacção distribuiu listas numeradas e carimbadas por nós, afim de serem subscriptas por todos aquelles que desejem prestar o seu auxilio ás victimas da ferocidade policial.

Os presos

de que se têm noticia são os seguintes:

José Sarmento, Antonio Candelas Duarte, Evaristo Ferreira de Souza, Virgilio Fidalgo, Antonio Nalipinsky, José Fernandez, Florentino de Carvalho, Edmundo Colli, Francisco Peralta, Edgard Leuenroth, Antonio Lopes, Emilio Güttler, Zeferino Oliva, Giuseppe Ghicco, Paschoal Andreani e Francisco Arouca.

Muitos são os operarios que faltam em suas casas, porém não ha certeza se estão presos.

Appello à Justiça!

Illmo. sr. ministro do Supremo Tribunal Federal: — O advogado Evaristo de Moraes, fundado nos arts. 72, paragrapho 22, da Constituição Federal; 45 e 47 do Decreto 848, de 11 de outubro de 1890 e 23 da lei 221, de 20 de novembro de 1894, impetra ordem de «habeas-corpus» e consequente soltura em favor dos operarios estrangeiros José Fernandez, Francisco Peralta, Evaristo Ferreira de Souza, Florentino de Carvalho, Antonio Lopes, Marcial Mijlas, Antonio Nalipinsky e José Rastoul, bem como do negociante Antonio Candelas Duarte, presos por ordem e á disposição do governo de S. Paulo, em logar não conhecido, com o fim de, contra os mesmos pacientes, obter seja decretada expulsão que como é notorio, já solicitou do governo federal.

Ao impetrante cumpre, antes de tudo, justificar o emprego desse recurso «originariamente» dirigido ao Supremo Tribunal.

Assim procede com fundamento no citado art. 23 da lei 221:

> «O Supremo Tribunal Federal, no exercicio da attribuição que lhe é conferida pelo art. 47 do Decreto 848, é incompetente para conceder originariamente a ordem de «habeas-corpus», quando o constrangimento ou a ameaça dele proceder de autoridade, cujos actos estejam sujeitos á jurisdicção do Tribunal ou fôr exercido por juiz, ou funccionario federal ou quando tratar-se de crimes, sujeitos á jurisdicção federal, ou ainda no caso de imminente perigo de consumar-se a violencia, antes do outro Tribunal, ou juiz poder tomar conhecimento da especie em primeira instancia».

Ora, na especie, a violencia será, sem duvida, consummada, se este Egregio Tribunal não acudir aos pacientes com a protecção da sua justiça.

Isto resulta do que se passou em S. Paulo e consta dos jornaes.

Effectivamente: alli foram requeridas ordens de «habeas-corpus» em favor dos pacientes, «de cujas prisões ninguem duvida» e no entanto, para burlar o recurso constitucional, a autoridade detentora negou estivessem elles em quaesquer das prisões paulistas.

Assim conseguiu fossem julgados «prejudicados» os pedidos, o que não equivale, evidentemente, á «denegação», da qual caberia recurso voluntario.

De maneira que, por tal manobra — pois outro nome não merece o plano empregado — quer a autoridade constrangedora attingir o seu fim consistente na «expulsão clandestina» dos pacientes, mediante a complacencia do poder central.

Temem os que prenderam os pacientes, que um Tribunal entre na apreciação dos factos e possa apreciar até onde vae a injustiça das medidas adoptadas.

Passa o impetrante a dar as razões da sua convicção quanto á improcedencia e a illegalidade das prisões.

Como terá notado, o Supremo Tribunal, não ha, em S. Paulo, nenhuma perturbação da ordem publica, nem foi, sequer, alli, declarada qualquer greve.

Houve, sim, grande agitação operaria, terminada por accordo resultante da intervenção da imprensa. Desse accordo se lavrou acta, compromettendo-se os patrões e o governo estadual a não reprimir quem quer que fosse por motivo da greve.

Em plena calma estavam os operarios, quando, de surpresa, o governo paulista resolveu, (não sabe o impetrante com que criterio) escolher alguns trabalhadores para, nas suas pessoas, satisfazer os desejos vingativos dos industriaes.

Pensa o mesmo governo, promovendo a expulsão desses operarios, — que não os pacientes — solucionar, de vez, o problema das reivindicações proletarias, nascido, em virtude da falta de legislação protectora e da profunda crise economica que attinge, principalmente, ás classes pobres!

Mas a premeditada expulsão dos pacientes não tem assento na lei 1641 de 7 de Janeiro de 1907.

Todos são domiciliados no Brasil ha muito mais de dois annos, todos têm, aqui, constituido familia; todos têm seus interesses radicados no paiz em que penosamente ganham o pão cada dia.

Esta simples consideração da residencia, nas condições expostas, exclue, por completo, a applicação da lei.

Seria, devéras, deploravel que tal consideração podesse favorecer a liberdade e a permanencia no paiz de exploradores do meretricio e outros factores da immoralidade publica, e não amparasse o direito de honestos trabalhadores.

Nem se diga que constituem elles fomento de desordem social, prégando theorias adeantadas, porque em nenhum processo regular se apurou o que só vagamente se lhes imputa.

Demais, não tem o poder publico arbitrio para ajuizar do valor de theorias, por mais avançadas que sejam, castigando os que as sustentam.

Como opiniões, todas as theorias são respeitaveis.

Pensar e agir differentemente, corresponde a uma visão tyrannica e modernamente insupportavel, identica á dos representantes do absolutismo monarchico, quando reprimiam o constitucionalismo e o republicanismo, hoje dominantes.

O impetrante não contesta ao poder publico o direito de adoptar medidas preventivas e, mesmo, repressivas contra os perturbadores da ordem; mas, esse direito fica subordinado á condição de haver qualquer acto externo demonstrando o perigo da desordem.

No caso actual, nenhum indicio existe da pratica de qualquer acto criminoso.

Nem tem, pois, base na lei, nem no principio de defesa social, as prisões e a planejada expulsão dos pacientes.

O impetrante não póde juntar documento comprobatorio da violencia, porque, como se vê dos jornaes, a autoridade nega estejam presos os pacientes; mas, affirma a verdade das suas allegações.

No tocante á prova da residencia, compromette-se a fornecel-a ao Collendo Tribunal antes da sessão do julgamento definitivo, pois está sendo judiciariamente feita em S. Paulo.

> Requer, pois, seja concedida a ordem impetrada, requisitando-se do governo de S. Paulo e do ministro da Justiça a apresentação dos pacientes e as devidas informações, para o effeito de, afinal, ser concedida a soltura».

O crime de Edgard Leuenroth

Escrevem-nos:

«Sr. director d'O COMBATE.

—Saudações—Ao ler o n. 710 do vosso apreciado diario O COMBATE não pude furtar-me ao desejo de endereçar-lhe algumas linhas, em que, ao mesmo tempo que lhe manifesto o meu mais franco applauso pela intelligente orientação do seu jornal, analyso ligeiramente a acção das autoridades, em relação á prisão de Edgard Leuenroth.

Eu desconheço, ou por outra, ignoro em absoluto tudo quanto se refira a leis criminaes; mas, pelos extractos que encontro no mesmo n. do vosso jornal, não é difficil demonstrar como, baseado nos artigos 356 e 18 § 2.º, todo e qualquer processo que as autoridades do Estado architectarem contra o tão odiado anarchista (odiado por elles, já se vê...) será absolutamente nullo.

Em primeiro lugar, porque ninguem, absolutamente ninguem, poderá affirmar que «viu» Edgard Leuenroth «subtrahir, para si ou para outrem, cousa movel, fazendo violencia á pessôa ou empregando força contra a cousa». Como tambem, não poderão jámais provar que o mesmo tenha «resolvido a execução do crime», nem que tenha provocado ou determinado «outros a executal-o por meio de dadivas, promessas, mandatos, ameaças, constrangimento, abuso ou influencia de superioridade hierarchica».

Não podia ter «provocado ou determinado outros a executar o crime» por meio de «dadivas», porque aos operarios nada podia dar, visto não ser o mesmo accusado um accumulador do producto do trabalho alheio. Por meio de promessas, tambem não podia determinar ninguem no tal «crime», porque não é costume dos libertarios—prometter o que não possuem, nem podem dar. Nem por meio de «mandatos», por que o accusado não é nenhum empregado ou dependente de especie alguma. Quanto a «ameaças», as autoridades farão rir e chorar todos quantos conhecem o accusado. Tratando-se de «constrangimento», deve a autoridade, primeiro provar que a situação economica e politica do accusado seja de tal natureza que torne possivel «constranger» alguem a praticar um «crime». E tratando-se de «abuso ou influencia de autoridade hierarchica», resta saber em que planeta perdido na immensidade infinita do espaço, irá descobrir uma theoria, segundo a qual possa a autoridade estabelecer uma relação de «superioridade hierarchica» entre Edgard Leuenroth e «aquelles que commetteram o crime».

Poderão accusa-lo de falar ou escrever cousas que, *praticadas* incorrem nas leis penaes? Seria o cumulo dos absurdos, pois ha muita gente que falla e escreve as cousas mais disparatadas do mundo e ninguem lhe presta ouvidos. Cada pessôa pensa pela forma que melhor entende. Somente as «acções» pessoaes é que estabelecem a responsabilidade da pessoa que pratica o acto. O mais que poderão provar contra Edgard Leuenroth, é que o mesmo pensou em voz alta ou que passou para o papel o proprio pensamento. Mas, neste caso, é um processo contra a liberdade do pensamento que se tenta fazer, e não contra quem tenha praticado algum crime. E' absolutamente falso que os anarchistas estejam fóra da Lei. Essa Lei, da qual os anarchistas estejam fóra, não existe. Ser anarchista não é ser republicano, como ser monarchista, é adoptar uma certa ordem de ideias, principios e pensamentos que, por si mesmo, não podem absolutamente ser taxados de crimes especificados em Lei.

Se tivermos a pouca vergonha de condemnar um homem por pensar livremente, então é melhor reunir toda a papelada das leis e dos codigos no Largo da Sé e fazer uma grande fogueira. Assim acabar-se-ão as comedias indecentes das legalidades mentirosas. O povo ficará sabendo de uma vez para sempre que a sua vida está á mercê do mais perigoso bando de salteadores e cada um procurará o caminho que a razão e a consciencia lhe indicarem. Os estrangeiros, antes de virem para esta terra, estarão

prevenidos e só virão aquelles que não hesitarem em vender bem caro a propria pelle. Andarão todos bem armados; um revólver no bolço das calças, dois nos bolços do collete, uma dupla cartucheira da baixa de baixo do collete e meia duzia de bombas nos bolços do paletot. Quando viram approximar-se uma pessôa — mãos ás armas, um revolver na mão direita á altura do nariz, emquanto com outra mão tacteia as bombas..." E não é para menos. Elimine-se a liberdade de pensamento e terão eliminado, «ipso facto», todas as outras garantias. Só assim poderá esta terra volver ao primitivo selvagismo.

ANHANGUERA

(D'O Combate).

As violencias da policia

O "habeas-corpus" impetrado ao Supremo Tribunal

RIO, 22 — O Supremo Tribunal tomará conhecimento, na sessão de hoje, do «habeas corpus» em favor dos operarios presos pela policia de S. Paulo para serem expulsos.

O advogado Evaristo de Moraes sustentará oralmente o pedido.

Espera-se que o Tribunal mande pedir informações ao governo desse Estado e só na proxima 4.a feira se pronuncie definitivamente.

Os deportados do "Curvello"

RIO, 22 — Causou impressão o facto occorrido com os nove deportados a bordo do «Curvello», embarcados sem passaportes, com a nota de caftens e ladrões, quando é certo que a policia daqui não tem conseguido a expulsão de criminosos dessa cathegoria, assim como de vadios reincidentes extrangeiros.

Accordo entre as policias paulista e carioca

RIO, 22 — Sei que ha perfeito accôrdo entre a policia carioca e a paulista, tendo versado sobre esse ponto a conferencia hontem havida na residencia do sr. Rodrigues Alves, entre este e o sr. Aurelino Leal, chefe de policia.

O sr. Mauricio de Lacerda falará hoje na Camara sobre o caso.

O sr. Aurelino, digno collega do sr. Thyrso

RIO, 22—A «Razão» estampa na primeira pagina a gravura do vapor «Curvello» e dá noticia de que as policias de S. Paulo e do Rio vão deportar nelle trinta e tres cidadãos innocentes.

Em nota de ultima hora, o mesmo jornal confirma as suas informações e denuncia que a policia do Rio prepara uma cilada para deportar 24 operarios e jornalistas desta capital, os quaes commetteram o crime hediondo de pugnar corajosamente pelos direitos das classes proletarias.

Pelas victimas da Policia

«Il Piccolo» e «O COMBATE» abrem uma subscripção em favor das familias dos operarios presos e deportados

Os nossos prezados collegas do «Il Piccolo» abriram hontem, em sua redacção, uma subscripção popular para amparar as familias dos presos e deporta-

dos que se acham nas maiores difficuldades.

E' um caso de solidariedade humana e O COMBATE, que jámais commungou com ideias subversivas, appella para a caridade dos seus leitores.

Qualquer quantia poderá ser enviada para esta redacção, largo do Riachuelo n. 26 B e do seu emprego prestaremos contas por estas columnas:

O COMBATE	50$000
Nereu Pestana	10$000
Acylino Pestana	10$000
Rubens do Amaral	10$000
Benedicto de Andrade	10$000
Anonymo	10$000
Assis	2$000
Marcello	2$000

O summario de culpa de Leuenroth

Teve inicio hoje, ás 8 horas no Forum Criminal, o summario de culpa.

Depuzeram quatro testemunhas, tres das quaes fizeram depoimentos favoraveis ao accusado. Só uma fez carga contra elle: foi um ex-*secreta*...

Depois de interrogado, pediu Edgard Leuenroth o praso da lei para apresentar a sua defesa.

"Habeas corpus" em favor de Sarmento

José Sarmento Marques, allegando achar-se preso a bordo do vapor «Carlos Gomes», sob a ameaça de ser expulso do territorio nacional, embora seja eleitor, conforme provava com o titulo que juntou, impetrou uma ordem de «habeas corpus» ao dr. Washington de Oliveira, juiz federal.

Aquelle magistrado designou o dia 24 do corrente, ás 14 horas, para julgar o pedido, tendo, para esse fim, pedido informações ao secretario da Justiça.

(D'O Combate).

Ultima hora

A policia não dá informações a' Justiça

Tendo o sr. dr. Washington de Oliveira, juiz federal de S. Paulo, solicitado ao dr. Thyrso Martins, informações sobre a prisão do sr. Antonio Candeias, afim de julgar o pedido de «habeas corpus» em favor deste, o delegado geral deixou de prestal-as.

A' vista disso, os autos subiram áquelle magistrado, afim de exarar o seu despacho.

Na hora de entrar o nosso jornal para o prélo, telephonou-nos pessoa que nos merece inteira confiança, informando que o nosso dedicadissimo companheiro Candeias havia sido posto em liberdade.

Só quem não conhece esse coração cheio de bondade, essa existencia consagrada inteiramente á pratica das mais bellas acções, poderá não se rejubilar com essa noticia.

"A Plebe"

A' nossa folha continúa sendo feita nas officinas d'O COMBATE, a quem reiteramos, por isso, os nossos agradecimentos.